

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do PAC Saneamento e Urbanização no estado de Minas Gerais

Belo Horizonte-MG, 27 de junho de 2007

Meu caro governador do estado de Minas Gerais, Aécio Neves,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Márcio Fortes, Ministro das Cidades,
Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro Hélio Costa, ministro das Comunicações,
Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu querido companheiro Walfrido dos Mares Guia, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República,

Desembargador Orlando Adão Carvalho, presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais,

Meus companheiros deputados federais Ademir Camilo, Alexandre Silveira, Antônio Roberto Soares, Carlos Willian, Ciro Pedrosa, Fábio Ramalho, Jaime Martins, Leonardo Quintão, Mauro Lopes e Virgílio Guimarães,

Meu querido companheiro Fernando Pimentel, prefeito da cidade de Belo Horizonte,

Vereador Totó Teixeira, presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte,

Meu querido companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES,
Minha querida companheira Maria Fernanda Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Prefeitos e prefeitas aqui presentes,

Secretários de Estado,

Secretários municipais,

Vereadores,

Companheiros representantes do movimento social – eu queria cumprimentá-los em nome do Wander Geraldo da Silva, presidente da Confederação Nacional de Associação de Moradores,

Queria cumprimentar o Saulo Manoel, dirigente da União Nacional por Moradia Popular,

E queria cumprimentar o Marcos Landa, dirigente do Movimento Nacional de Luta pela Moradia,

Meus amigos e minhas amigas,

Vocês percebem que quando a nominata é longa, a gente ocupa uma parte da gente, uma parte do tempo, utilizando a nominata. Mas vocês não sabem o que a gente escuta depois, se a gente não falar. Então, nós precisamos falar.

Queria cumprimentar o nosso querido companheiro Robson Andrade, que é o presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais, que tem sido um parceiro, ao longo de todo o nosso governo, compreendendo os momentos difíceis e aplaudindo os momentos bons da economia brasileira,

Meus amigos representantes do Movimento Popular na Luta por Habitação, por Saneamento Básico e por Urbanização de Favelas,

Vocês perceberam que tanto os prefeitos que assinaram, aqui, o protocolo, como na exposição feita pela ministra Dilma, nós atendemos as cidades acima de 150 mil habitantes. É importante lembrar a vocês que o critério para a escolha foi ver os principais problemas das cidades, sobretudo aquelas que tinham problemas de maior dimensão, para, então, a gente estabelecer uma proposta, que depois foi discutida com o governo do estado e com os prefeitos, para poder fazer o acordo.

Eu estou dizendo isso para lembrar aos prefeitos das cidades com menos de 150 mil habitantes, porque eu ouvi um companheiro gritar: “E Teófilo Otoni, onde está?” E eu fiquei aqui matutando onde é que está Teófilo Otoni. E é importante dar uma resposta aqui, companheiros.

Nós temos mais dois programas. Eu só queria lembrar que nós tivemos o cuidado de organizar o lançamento do PAC e a preparação dos atos que estamos fazendo agora. O primeiro foi ontem, em São Paulo, junto com o governador José Serra, e o segundo aqui. Segunda-feira vou ao Rio de

Janeiro, depois a Salvador, a Fortaleza, a Recife, a Belém, a Manaus, a Porto Alegre e a Curitiba. Depois, nós vamos percorrer os outros estados da Federação.

E é importante lembrar que a nossa preocupação – e eu acho que é a preocupação dos prefeitos, é a preocupação do governador Aécio – é que, na medida em que você anuncia um pacote de dinheiro que você vai liberar para obras que são essenciais para a sociedade, é preciso que esse dinheiro comece a produzir os seus efeitos logo. E qual é o primeiro efeito que ele vai produzir? Na hora em que o prefeito fizer a licitação, as obras vão começar e o primeiro efeito, antes de melhorar a qualidade de vida das pessoas, é a geração de empregos e renda, são empresas ganhando dinheiro, são trabalhadores ganhando salários e a economia crescendo como um todo.

Eu não tenho dúvidas que com o PAC – depois do Plano de Desenvolvimento Industrial do presidente Getúlio Vargas, depois do Plano de Metas do Juscelino Kubitschek e depois do Plano de Desenvolvimento do governo Geisel, que foi o último grande programa de investimentos com seus planos decenais – a gente voltou a pensar em crescer. Havia, aproximadamente, 25 anos que a gente não tinha um programa de desenvolvimento nacional envolvendo 504 bilhões de reais em três anos e meio, agora, não são mais quatro.

Essa preparação que nós tivemos no PAC, nós vamos ter na área do transporte também, no PAC do transporte; nós vamos ter nas obras da Petrobras, porque só a Petrobras são quase 228 bilhões de investimento em coisas que vão significar mais empregos e mais riquezas para o nosso País.

Eu falei das cidades com menos de 150 mil habitantes, porque além de tudo isso, nós temos, para os municípios com população menor que 150 mil habitantes, o Fundo Nacional da Habitação de Interesse Social, que tem 2 bilhões. A primeira seleção dos municípios será feita em junho, a segunda será em setembro. Depois, nós temos o PAC da Funasa, e serão mais 4 bilhões de reais para as cidades, aí, sim, com menos de 50 mil habitantes e, entre as cidades do Brasil com menos de 50 mil habitantes, nós vamos escolher aquelas que tenham maior índice de malária, maior índice de doença de Chagas, para ver se a gente consegue acabar com essas duas desgraças que ainda fazem sofrer muita gente do povo brasileiro. Só para lembrar que todas a

idades têm previsão de ser atendidas aqui. Nem todas terão o privilégio de Divinópolis que, além de receber o PAC, recebeu uma universidade, em que vai ter vestibular em dezembro deste ano.

Mas eu queria dizer ao governador Aécio Neves, ao prefeito Pimentel, aos meus ministros, aos nossos prefeitos e ao povo convidado que o que nós estamos anunciando aqui não é apenas um conjunto de financiamentos com dinheiro do estado de Minas Gerais, BNDES e governo federal, e nem um conjunto de dinheiro do Orçamento da União, em projetos construídos diretamente com os prefeitos que estão aqui. É mais do que isso. O que nós estamos fazendo é aprimorando, da forma mais civilizada possível, a convivência democrática entre os entes federados deste País, dando uma demonstração de que quando a gente governa, a gente não olha a cara do partido a que pertence o governador ou o prefeito. A gente olha a cara do povo, que são todos os brasileiros e que são todos os mineiros e que, portanto, todos precisam ter um tratamento equânime.

Houve um tempo neste País em que se governava apenas para os amigos; houve um tempo neste País em que presidente da República não recebia governador de oposição; houve um tempo neste País em que presidente não recebia prefeitos; houve um tempo em que governador também não recebia prefeitos; e houve um tempo em que prefeito também não recebia os cidadãos que moravam na periferia, que iam lá para reivindicar. Porque nós éramos acostumados, em época de eleição, a todo mundo ser maravilhoso, sobretudo com o pobre. Mas, depois das eleições, se esquece do muito que a gente pediu e se comprometeu. Então, nós estamos construindo uma nova cidadania.

Eu nunca perguntei para nenhum prefeito aqui de que partido ele é e nunca tratei alguém melhor por ser do PT, por ser do PSBD, por ser do PMDB, por ser do PTB, do PDT, do PSB, e não é assim que a gente vai arrumar este País. A gente vai arrumar este País tendo um tratamento respeitoso com todas as pessoas.

E, aqui, eu quero dizer que compreendo bem a política, vivo a política, faço a política. Eu sei que, muitas vezes, nos embates, a gente critica, eu sei que, às vezes, a gente solta palavras fora de hora e, às vezes, ofende alguém, machuca alguém. Mas uma coisa que a gente não pode perder de vista é o

seguinte: a cada acerto nosso, quem ganha é o povo, e a cada erro nosso, quem perde é o povo. Essa deve ser a dinâmica do nosso comportamento.

É por isso que nós não tememos dizer a vocês que o Brasil, depois de muitas décadas, e aqui, quem é empresário sabe, quem é trabalhador sabe, afinal de contas, 26 anos sem a economia crescer, sem fazer distribuição de renda... Eu vou dar só um dado para vocês: na década de 80, este País tinha 2 milhões e 800 mil metalúrgicos, ele chegou a 1 milhão e 400 e, agora, já estamos, outra vez, com 1 milhão e 800. Mas ainda falta 1 milhão para a gente recuperar, Robson, o que a gente tinha na década de 80. Certamente que, com os avanços tecnológicos, as empresas nunca mais vão contratar a quantidade de trabalhadores que contratavam na década de 80. Mas, se uma empresa só não contrata, significa que nós teremos que ter muitas empresas contratando, muitas empresas contratando mais.

Eu vou dar um exemplo para vocês: eu fui dirigente sindical, nos anos 80, em que uma Volkswagen tinha 44 mil trabalhadores e produzia metade dos carros que ela produz hoje, com 17 mil trabalhadores. Ou seja, aumentou a produção da empresa e diminuiu o número de trabalhadores. Essa é a lógica da modernidade que a sociedade vive hoje, essa é a lógica dos avanços tecnológicos. É por isso que nós precisamos diversificar as oportunidades de empreendimentos e de investimentos e melhor qualificar o trabalhador. Porque eu lembro, hoje, que no meu tempo, quando a gente ia procurar emprego, nos anos 60, eles pediam o diploma do primário e quem tivesse o diploma do primário estava com o emprego garantido. Em 2007, para trabalhar de balconista numa loja, eles estão pedindo o segundo grau, às vezes perguntam se você sabe computação e, dependendo do salário, querem o ensino superior.

Então, não adianta, nós não temos saída. Nós vamos ter que colocar na cabeça, prefeitos, governadores, presidente da República, sociedade: a educação é o maior patrimônio que nós poderemos produzir neste País. E, dentro da educação, a formação profissional, porque eu conheço o dilema de uma jovem de 18 anos ou 19 anos, que sai para procurar emprego e não tem profissão. Não tem coisa pior do que a pessoa perguntar: "O que a senhorita sabe fazer?" "Nada". Se falar que sabe tudo, é porque não sabe nada. Ou sabe fazer uma coisa bem-feita... Quem aqui conhece futebol sabe: quando a gente vai jogar bola e tem 30 pessoas para jogar, depois de tomar cerveja, você vai

distribuir a camisa e você pergunta para o cidadão: “Companheiro, você joga em que posição?” “Qualquer uma”. Se falar “qualquer uma”, não joga nada. Ou ele é goleiro, ou lateral direito, ou ponta esquerda. Se ele falar “qualquer uma”, nem dê a camisa para ele, porque ele não sabe jogar. Pois bem, na profissão é a mesma coisa. Se a pessoa pergunta o que sabe fazer e ela diz “ah, qualquer coisa”, é porque não sabe fazer nada.

Hoje, nós temos um problema, porque os nossos jovens estão terminando o segundo grau e, junto com o segundo grau, não têm uma profissão. Têm um bom nível médio de educação, mas não têm uma profissão. Então, continuam desempregados. Nós temos esse desafio, agora.

É por isso que nós, junto com o PAC, lançamos um programa chamado Programa de Desenvolvimento da Educação, que é a maior revolução da educação neste País. Obviamente que isso não vai dar certo já para o ano que vem, esse é um processo que vai levar um tempo para que a gente possa fazer.

Eu estava vendo, ali, aquela menina que levantou para me entregar um papel, ela é uma bolsista do ProUni. E ela pode dizer – você também é? – você pode dizer o que o ProUni significa na sua vida porque, possivelmente, você nunca teria chegado a uma universidade. São 370 mil vagas ofertadas e, até agora, já temos 320 mil jovens fazendo universidade.

Eu lembro que, quando nós lançamos o ProUni, não faltou um engraçadinho para dizer o seguinte: “O presidente Lula – como eu não tenho um diploma universitário – está nivelando o ensino universitário por baixo”, numa forma desprezível de tratar a possibilidade do pobre chegar à universidade. Mas, como Deus escreve certo por linhas tortas, este ano houve a prova do ENAD, houve a prova nacional para medir a qualidade dos estudantes brasileiros e, em 14 matérias, medicina e engenharia incluídas, os melhores alunos foram exatamente os pobres do ProUni que chegaram à universidade brasileira.

Da mesma forma, Governador, que em 2004, eu por conta de uma solenidade, fiquei sabendo que tinha uma coisa chamada Olimpíada da Matemática no Brasil, que tinha 274 mil jovens inscritos, a grande maioria de escola privada. Na época, o ministro da Educação era o Tarso Genro, e eu falei: “Tarso, por que a gente não tenta fazer na escola pública a Olimpíada da

Matemática?” Ele falou: “Presidente, eu vou conversar lá no MEC”. Quando foi conversar, as pessoas começaram a dizer: “Ah, não, estudante de escola pública não vai entrar nisso, imagina, não tem experiência, não tem hábito, não tem cultura”. Então, veja o que aconteceu neste País. Nós fizemos, em 2005, a primeira inscrição, e então se inscreveram 11 milhões de crianças das escolas públicas, 10 milhões e meio participaram do concurso. O primeiro colocado foi um menino de Brasília – cego, surdo e paraplégico –, entre todos os estudantes que se inscreveram.

Aí, vamos fazer a segunda vez, e fizemos a segunda vez. Tinha a época eleitoral, a Justiça Eleitoral proibiu que a gente fizesse propaganda. Então, eu falei: faliu o Programa, porque não tem publicidade, como é que vai ser? Não deixavam nem colocar cartazes nas escolas, proibiram. Pois bem, se inscreveram 14 milhões de crianças, 3 milhões a mais do que no primeiro ano. Este ano, sabem quantos se inscreveram? Dezessete milhões e 300 mil crianças neste País. A coisa é tão e extraordinária que, para o ano que vem, nós vamos, além da Olimpíada da Matemática, criar a Olimpíada de Português, para fazer com que o jovem brasileiro possa se interessar mais. Eu estou dizendo isso para tentar lembrar vocês o seguinte, companheiros: o povo brasileiro precisa de oportunidades e o Brasil precisa de oportunidades.

Durante muito tempo, e possivelmente muita gente aqui ainda era menino, eu, nem tanto, porque já tenho 61 anos, mas o companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES, que é um dos mais destacados economistas deste País, sabe, porque durante quase 30 anos ele teve que escrever sobre a falência da economia neste País. Então, eu posso dizer para vocês aqui, na frente de um grande economista, na frente do Governador, e se tiver economista, aqui, no meio de vocês, eu também falo, e falo na frente do Robson, presidente da Federação das Indústrias: Robson, há muito tempo o Brasil não vivia uma situação privilegiada que ele vive hoje. Está tudo pronto? Não. Nós, apenas, tiramos o paciente do coma em que ele estava, e esse paciente não está mais na UTI, ele está na rua fazendo ginástica. Então nós, agora, paramos de dar antibiótico para esse paciente e vamos dar vitamina, vitamina C, vitamina A, para esse paciente ficar cada vez mais robusto e não voltar mais para o hospital. Porque, hoje, nós temos 146...

Oh, Robson, me conta uma coisa: quantas vezes você pensou na vida

que o Brasil ia ter 146 bilhões de reservas? Duvido que tenha um economista que tenha pensado nisso. Nós temos 146 bilhões de dólares de reservas, não devemos nada ao FMI, não devemos nada ao Clube de Paris. A tendência é, na hora em que a União comece a ir bem, os estados que têm maior pujança, como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, também conquistarem um volume de crescimento extraordinário, e o PAC vem ajudar. Este Programa que nós viemos lançar aqui hoje vem ajudar a tornar esse crescimento irreversível. Quem acompanha a economia sabe que não há momento na história do Brasil, sem precisar privatizar nada, que tenha a quantidade de dólares que está entrando neste País.

Então, nós agora, estamos apenas tendo que administrar, sabendo que o governo tem que agir com seriedade com as suas contas, nós não podemos gastar mais do que a gente ganha, isso vale para o governo e vale para o trabalhador. Todo trabalhador que ganha salário sabe que, se recebeu o salário no dia 5 e for perder numa mesa de snooker, vai quebrar a cara quando chegar em casa. Vai chegar e, ou apanha da mulher ou no dia seguinte tem que andar entre os vizinhos pedindo cinco “pilas” emprestado para poder pagar a condução. E o trabalhador responsável, não. Ele chega, senta com a mulher, paga as suas contas, se sobrar um pouquinho guarda, só vai comprar uma televisão quando puder pagar a prestação, não é isso? É aquele que recebe o 13º salário, férias e, no final de mês, não gasta tudo, ele guarda um pouquinho porque sabe que em janeiro vem descontado o Imposto de Renda e ele vai quebrar a cara.

Então, nós não podemos perder a responsabilidade de cuidar da economia do País como a gente cuida do salário da gente e da economia da casa da gente. Quando o filho da gente quer muito, a gente fala: “Não posso te dar”. “Ah, eu quero 50 para sair, pai”. “Não tenho 50, só tenho 20”. Por quê? Porque tem mais gente querendo mais 20, então tem que distribuir de forma justa e equânime.

Por isso, o PAC atende todos os estados brasileiros, uns mais, outros menos. O Aécio disse uma coisa, aqui, e o Pimentel, eles sabem da angústia que eu tenho, já há dois anos, de poder aumentar um pouco a capacidade de endividamento dos estados, para quê? Para que os estados possam pensar os seus programas de investimentos estaduais. Não adianta nada o governo

federal anunciar 504 bilhões de investimentos e os estados não terem 50 centavos para investir. Então, é preciso criar essas condições, e o Aécio disse uma coisa verdadeira: Minas Gerais só conquistou o direito de aumentar o seu crédito porque durante quatro anos agiu com responsabilidade e cuidou dos interesses do estado e do dinheiro com cuidado. Tem outros estados que não cuidaram, e nós vamos ter que ajudá-los a resolver o problema para que a gente possa também aumentar a capacidade de endividamento do estado.

Então, companheiros e companheiras, eu saio de Minas, hoje, com a mesma alegria que eu saí de São Paulo ontem e que vou sair do Rio de Janeiro na segunda-feira. Eu saio com a nítida convicção de que não existe, por mais que tenhamos divergências político-partidárias, por mais que tenhamos pretensões políticas – e graças a Deus, você não sabe, Aécio, a tranqüilidade de você governar sem ter o próximo a mandato para disputar daqui a quatro anos, você não sabe a leveza com que eu estou. Eu, se pudesse, estaria aqui levitando, porque não tenho mais esse peso nas costas.

Então, o fato de eu não estar em disputa em 2010 me permite poder fazer com mais tranqüilidade, mais e melhor do que nós fizemos. Por exemplo, o Bolsa Família vai ter aumento, sim, nós vamos garantir um aumento para o Bolsa Família. As políticas sociais vão aumentar, sim, não pensem que vai parar por aí. Hoje nós já anunciamos o maior Plano Safra para a agricultura familiar da história deste País: são 12 bilhões de reais para o Pronaf, a juros muito baixos.

E vamos continuar fazendo, sabem por quê? Porque é preciso fazer uma partilha justa. Às vezes, um empresário me procura pedindo 1 bilhão emprestado e, às vezes, um trabalhador me procura pedindo 200 reais emprestados. Então, a gente pode atender muita gente pobre neste País se a gente tiver um olhar humano, se a gente tiver um olhar cristão e se a gente perceber que, no fundo, no fundo, essa gente pobre é quem ajuda a construir esta nação, sem pedir muita coisa para os governos municipais, estaduais ou federal.

É com muito orgulho, governador Aécio, prefeito Pimentel, que eu termino as minhas palavras dizendo a vocês que peço a Deus que me dê força e saúde para voltar muitas vezes a Minas Gerais. O governador Aécio não me elogia de graça. Vocês viram que ele fez uns elogios aqui, e já saiu

conquistando o aeroporto, já saiu conquistando o metrô.

Mas tem uma coisa comum que nós precisamos trabalhar juntos. Esses dias, o Senado aprovou uma lei da educação, que era o Fundeb, e que dava uma verba de 1 bilhão e 37 milhões divididos entre os estados. Minas Gerais tinha uma parcela disso, e São Paulo tinha uma parcela maior. Tinha 10 estados que não tinham nada. Eu vetei.

Bem, obviamente que o Aécio me fez uma ponderação de que ele tem um programa especial para o Vale do Jequitinhonha. E eu disse para o Aécio: “Aécio, se é para fazer investimento no Vale do Jequitinhonha, nós vamos sentar e nós vamos acertar o investimento para o Vale do Jequitinhonha”. Porque, embora eu não tenha nascido em Minas Gerais, o Vale do Jequitinhonha faz parte da minha vida, faz parte da minha paixão. Eu, cada vez que ia ao Vale do Jequitinhonha – fui muito ao Vale do Jequitinhonha – eu via aquele povo sofrido, com aquela esperança e com aquela capacidade cultural, que eu acho que poucos povos do mundo têm. Eu não posso faltar com o Vale do Jequitinhonha. Então, Aécio, você pode ficar tranquilo, porque não faltará o dinheiro para a educação do Vale do Jequitinhonha, porque eu ainda quero visitar muitas vezes o Vale.

No mais, companheiros e companheiras, que Deus abençoe todos vocês. Obrigado pela presença dos deputados, dos prefeitos e até outro dia, se Deus quiser.